

Uma ideia de república em Hippolyte Taine.

CARLOS MAURO DE OLIVEIRA JÚNIOR¹

“Começamos a derrotá-los através do tipo de tensões que introduzimos em sua sociedade. Esta é uma ferramenta muito poderosa: a tensão”.

Frank Herbert: Os Filhos de Duna.

APRESENTAÇÃO

Gostaríamos de falar de como a História pode ser mobilizada politicamente com o intuito de construir um projeto de Estado que unifique a nação. Este não é um tema novo, todavia acreditamos que ainda tem seu encanto.

A ideia seria resgatar um ambiente ou um vocabulário político (Pocock) em que o tema das divisões políticas (ou lutas de classes) passou a dominar o debate político francês, chegando a um limite perigoso com a Guerra franco-prussiana de 1870. A guerra com os prussianos foi utilizada como um índice da fraqueza da nação francesa². Em jogo estava o fim do II Império, a possível restauração republicana ou um retorno dinástico Orléans (derrubados em 1848). Houve mais: o debate vivo entre o espírito religioso (defensor do Antigo Regime) e o espírito filosófico e científico (ligado à Revolução Francesa, em seus desdobramentos, tais como os direitos do Homem, a igualdade, a fraternidade universal e a ideia de nação como uma negação da desigualdade aristocrática e do passado histórico francês).

A guerra com a Prússia era para muitos a esperança de realizar a França “Prometida”, apesar do conteúdo da esperança variar de acordo com o grupo político em questão. Para uns, a esperança era a república de 1793 ou 1848 que colocaria fim às desigualdades sociais. Para outros, o resultado da guerra poderia acabar com o

¹ Professor adjunto do Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Formação de Professores da UERJ.

² Os liberais se dividiam entre crer na potência francesa ou esperar a derrota que derrubaria o imperador Napoleão III. Os republicanos radicais de Paris (e os socialistas da capital) esperavam uma derrota francesa que possibilitasse uma república nos moldes das Revoluções de 1848. Por fim os conservadores temiam os excessos de Paris, chegando mesmo a desejar que em caso de derrota, o que ocorreu, o exército prussiano invadisse a capital e pusesse fim ao “tumulto” radical no país. Vide a bibliografia para maiores referências.

radicalismo parisiense que obrigava o aparecimento de “desastradas” experiências ditatoriais, como os impérios napoleônicos. Como disse Taine, em carta de setembro de 1870, no início da guerra: “estamos nas mãos de um jogador [o imperador Napoleão III e seus delírios de poder]” {Taine, 1905, T. III, p. 15}.

Neste ponto, nos deparamos com um tema explorado por François Hartog em “*O Século XIX e a História: o caso Fustel de Coulanges*”, publicado em 1998 (Hartog, 2003). No citado livro, Hartog desenvolve o tema de um período marcado por ideias de fraqueza francesa provocada pelos radicalismos revolucionários ligados ao legado da Revolução Francesa (de 1789 a 1870), Fique claro que Hartog seleciona como suas fontes autores e textos antirrevolucionários e mesmo conservadores, comparando as estratégias historiográficas de Coulanges à luz dos debates ligados à Guerra, à Comuna de Paris de 1871 e ao surgimento da III República francesa. Nesta comparação, Hartog faz referência a autores como Renan e Taine, intelectuais da geração, que se posicionaram contra a Guerra e a Comuna e também tocaram no tema da fraqueza.

O nosso objetivo neste texto é estabelecer uma dúvida. As visões sobre Hippolyte Taine³ oscilam entre um liberal-conservadorismo burguês (Lefebvre e mesmo Hartog) ou um conservadorismo antirrevolucionário (Gooch). O problema é que em nossa leitura este conservadorismo poderia ser matizado por projetos de educação política do povo, a partir da criação de debates livres e informados pela imprensa, assim como o concurso das “superioridades naturais” de François Guizot e dos liberais doutrinários ou dos “notáveis” de Alexis de Tocqueville (Rosanvallon, 1985; Jasmin, 1988; Oliveira Jr., 2003).

A nossa hipótese diz respeito à possibilidade de haver certos acentos *respublicanos ou neoromanos* (Skinner), que afirmam a necessidade de uma educação política prática aos novos atores sociais a fim de evitar o “vazio” em torno do poder que permite o aparecimento de demagogos e oportunistas que dizem falar e agir em nome do povo. A hipótese será viável se conseguirmos apresentar algumas conexões entre o trabalho de Taine e estas ideias, ou parte delas.

Na década de 1870, era frequente o resgate da tradição liberal francesa (desde Benjamin Constant) e isto pode ser um demonstrativo da permanência de certas questões no “vocabulário político” ligado à longa “Revolução Francesa”, especialmente

³ Hippolyte Adolphe Taine (1828-1893), intelectual e historiador francês.

a dificuldade de conciliação entre os ideais filosóficos de liberdade e igualdade e os interesses reais do cotidiano. Desde Tocqueville e *De la Démocratie em Amérique* (1835 & 1840), os Estados Unidos são apresentados como uma versão viável da república moderna, sem os *revivals* espartanos de Rousseau e dos jacobinos e sem os ideais cesaristas de Napoleão (tio e sobrinho). Ainda em 1866, Taine faz o elogio dos Estados Unidos – a república do interesse bem compreendido – contra a monarquia e a Igreja defendidas por Honoré de Balzac (*L'Esprit de Balzac*, p. 161-2⁴).

Seguindo a intuição de Hartog no estudo sobre Fustel de Coulanges, desejamos um estudo sobre Taine no contexto compreendido entre 1870 e 1871 com o objetivo de tentar uma aproximação com suas críticas à “fraqueza” francesa e seu projeto de uma república “dos interesses”.

ALGUMAS IDEIAS DE TAINE ANTES DE 1870.

a) Religião e ciência.

Em “*Nouveaux Essais de Critique et d'Histoire*”, publicado em 1866, Taine demonstra uma curiosa confusão de posturas intelectuais. Da tradição revolucionária mantém a defesa das liberdades civis e o ensino laico; ao mesmo tempo tem um olhar respeitoso aos séculos monárquicos, aristocráticos e ultracatólicos. A curiosidade desta mistura reside na difícil conciliação de contrários no período. A simples descrição não acusatória das posições de um dos lados levava, imediatamente, à sua completa negação pelos partidários do outro grupo. Isto tornava os compromissos políticos raros.

A disputa entre o saber laico e o religioso atravessou o século XIX, assim como a controvérsia acerca do tipo de ensino. A controvérsia sobre o saber aparece na primeira resenha escrita por Taine na obra acima referida (Taine, 1866): “*Philosophie Religieuse: ciel et terre, par J. Raynaud*”. Chama de infeliz a proposta de conciliação feita por Raynaud entre os métodos filosófico e religioso, pois a mesma era desrespeitosa com a especificidade das crenças religiosas. A defesa por parte de Taine desta especificidade é indicadora de respeito, mas também da insistência da incompatibilidade entre razão e fé. Cabe a cada indivíduo – cidadão – que escolha o seu critério. Que haja harmonia entre os homens, mas diferença entre as ideias (p. 19).

⁴ Ver de Hippolyte Taine: *Nouveaux Essais de Critique et d'Histoire*. Paris, Hachette, 1866. Usamos a versão eletrônica disponível no site da *Bibliothèque Nationale de France*: gallica.bnf.fr

Na resenha “*Le Bouddhisme – die religion des Buddha und ihre ensthung, par M. Koepen*”, Taine termina o texto comparando o espírito oriental (religioso) com pouco espaço individual, com a “renovação da vontade humana” no Ocidente [possivelmente a partir do XVIII], que pensa em uma certa anulação individual, a partir da ideia de fraternidade universal, mas deixa uma parte à ação e à esperança, não conduzindo a um quietismo inerte (p. 348-9).

Taine, aqui, distingue uma Ásia obediente e religiosa de uma Europa que discute e participa. Uma ênfase revolucionária? Talvez não. Todavia há um acento neoromano no liberalismo de Taine, que insiste na participação política como aparece na parte grifada. Veremos adiante um pouco mais de perto este acento republicano ainda que marcado por limites aristocráticos.

b) O uso da História Natural (e da psicologia).

No texto “*L’Esprit de Balzac*”, o autor afirma que Balzac buscou uma “história natural dos homens”, de uma forma semelhante a um catálogo de animais (p. 82). O objetivo seria realizar um inventário dos costumes, mesmo uma psicologia. É interessante que Taine veja nas estratégias descritivas de Balzac uma forma para pensar a história, no caso uma história com proximidades com a de François Guizot: “*il vous décrira les choses telles qu’elles sont*” (p. 117).

Poderíamos nos perguntar se este é um projeto possível, se vemos as coisas como elas são ou se as colorimos com nossas tintas à medida que as descrevemos. Não parece ter sido esta uma preocupação de Taine. Aqui ele se assemelha a um racionalismo positivista, atento à objetividade. A coisa se complica, no entanto, com uma ideia da literatura romântica: os estilos de época.

“*Votre opinion sur la nature fera votre opinion sur la beauté; votre idée de l’homme réel formera votre idée de l’homme idéal; votre philosophie dirigera votre art. C’est ainsi que la philosophie de Balzac a dirigé l’art de Balzac*” (p. 135).

Se as opiniões, os gostos e os costumes de uma época nos ajudam a entender a sua história, pois retratam o espírito (ou o estilo), seria natural supor que o historiador (ou crítico da literatura), homem com estilo próprio, esteja marcado por este durante seu processo de conhecimento. O ponto é que a crença na objetividade é – ou parece ser – a religião de Taine.

O registro dos costumes e o uso pelo historiador (ou crítico da literatura) das obras de arte, tais como o teatro ou a ópera, e a literatura permitem que se trave contato com a “maneira de sentir pública” de outrora e o gênio literário de uma época seria um “*abrégé*” do espírito de seu século.

“Au fond un artiste ne copie que ce qu’il voit, et ne peut copier autre chose; le lointain et la perspective historique ne lui servant que pour ajouter la poésie à la vérité”.
Trecho de “*Racine: esprit de son théâtre*” (Taine, 1866, p. 255).⁵

Se há um uso romântico na análise histórica em Taine, visível na ideia de apreender o espírito do passado mediante o contato com certas fontes, este é muito menos historista⁶ que o uso alemão, como na “compreensão” de Max Weber. Há também a possibilidade de apreensão racional através do método dos sentimentos do “outro”. Todavia Taine não imagina que em seu processo de seleção de temas e materiais de pesquisa haja influência de sua subjetividade. E está muito longe da tese que os nossos sentimentos possam moldar e modificar os objetos de pesquisa, típica de um historicismo mais radical.

Seria possível nos questionarmos se os projetos historiográficos – e políticos – de construção de uma história da nação, típicos deste período, não estariam marcados pelos objetivos de seus atores. Isto levaria à possibilidade da descrição ficar perigosamente próxima de uma coleção de argumentos retóricos. E no caso de Taine, assim como Renan e Coulanges (Hartog, 2003), os projetos de história política da França são carregados pela denúncia dos radicalismos revolucionários que agravaram a guerra civil, as ditaduras e a derrota para a Prússia. Em suma, a Revolução – ou seu desvio – foi a culpada pela fraqueza experimentada em 1871. Voltaremos a este ponto.

A Guerra Franco-Prussiana e a Comuna de Paris (1870-71).

Tentaremos nesta parte olhar alguns trechos da correspondência de Taine, reunidos em 1905, para ver como se desenvolvem algumas vias de interpretação histórica e política em sua obra. Usando a chave skinneriana, de olharmos os textos como *atos de fala*, em que o autor pesquisado espera influir sobre o seu contexto,

⁵ Ideia semelhante em Ernest Renan, o historiador como capaz de apresentar os diferentes tipos de vida do passado. Ver a obra citada de François Hartog (p. 109).

⁶ Usamos a expressão em sentido semelhante ao de Sérgio Buarque de Holanda em: “O atual e o inatual de Leopold Von Ranke” in: Ranke. São Paulo, Ática, 1979, p. 8. Coleção Grandes Cientistas Sociais.

selecionamos documentos do período em que Taine deixa a crítica da literatura pela política e resolve fazer uma história da Revolução Francesa: *Origines de la France Contemporaine* (Cassirer, 1993 & Gooch, 1977).

O que parece ser de grande interesse é a possibilidade de conciliação de um projeto político com uma *démarche* teórica. Acima falamos de uma crença algo positivista de lidar com a história a partir da metodologia de um naturalista – descrever tal como existe. Independente se ser ou não um projeto intelectual possível, este era, na época um objetivo válido que demonstraria seriedade intelectual. E, o mais importante, esta seriedade seria especialmente relevante em um período conturbado politicamente, graças à guerra e à Comuna. Um estudo sobre a História da Revolução Francesa que estivesse atento aos diferentes “partidos”, instituições e ideologias, permitiria apresentar cientificamente uma tese histórica que possibilitasse uma nova compreensão política. Logo, cabia aos intelectuais uma participação no cotidiano político a partir da história.

Taine fala na importância da ação dos letrados no sentido de demonstrar os erros dos franceses em carta a “A M. Albert Sorel” de fevereiro de 1870 {Taine, 1905, p. 35}. Demonstrar os erros através da teoria e metodologia de um naturalista adaptadas à prática do historiador. Ernst Cassirer cita uma fórmula de H. von Sybel (1856) para tratar de Taine. Nesta, o programa positivista ajuda-o no sentido de deixar aparecer uma neutralidade que viabiliza um papel de “educador político” {Cassirer, 1993, p. 303}⁷.

Até agora temos argumentado que a objetividade em Taine não pareceria ser uma questão teórica problemática, pois ele acreditaria em sua possibilidade. Todavia, em carta à sua esposa, no processo de confecção de seu livro sobre a Revolução Francesa, há um comentário muito curioso que segue a afirmação que fará um livro muito antirrevolucionário e muito anticlerical:

“En politique et en morale, nous ne jugeons que d’après nos passions et nos intérêts du moment, et nous ne croyons que ce qu’il nous est agréable de croire” {Taine, 1905, p. 204}.

Neste trecho pessoal, não publicado, Taine parece estar atento à impossibilidade de descrever a história sem paixões ou interesses. A neutralidade ou objetividade, tal como afirma Cassirer, poderia ser uma estratégia política a serviço de um projeto de

⁷ Ideia aparece em Hartog referida a Fustel de Coulanges. Ver a obra citada.

nação (e de república). No entanto, não tivemos acesso a outros trechos deste tipo a fim de insistir sobre a hipótese de uma objetividade puramente estratégica.

Registramos o trecho como um acento romântico ligado aos sentimentos de um homem do contexto, preocupado com o dever moral de modificar a situação da França que surge em seu diagnóstico. A estratégia política é uma hipótese sedutora, mas, por agora, não possível de ser demonstrada.

Insistiremos, neste artigo, na hipótese de um projeto político republicano atento às formulações da tradição liberal da historiografia da Revolução Francesa entre 1830 e 1860. Este pode ser demonstrado pelo recurso de Taine aos textos de François Guizot e Alexis de Tocqueville, por exemplo. A objetividade buscada por Taine poderia ser matizada pela subjetividade de sua seleção de autores, fontes e metodologia (Max Weber, 1997). Ele não precisaria ser consciente que este processo seletivo poderia relativizar sua objetividade.

Deixemos a teoria e passemos à prática. Cumpre apresentar algumas teses de Taine presentes na correspondência e em algumas notas de leitura durante a redação das “*Origenes*”. Dividiremos esta parte em um conjunto de teses sobre a política francesa, cuja origem remonta à Revolução, e um pequenos grupo de propostas de cunho histórico e político para a França posterior ao Segundo Império e à guerra com a Prússia.

TESES

a) As divisões políticas.

Este é um ponto muito importante nas cartas do período que antecede e atravessa a Comuna de Paris. Referências aos radicais de Paris, aos “vermelhos” e aos socialistas são comuns e insistem em um quadro político marcado pelo antagonismo entre a postura destes grupos e a reação que esta provoca: a possível conversão dos moderados a uma ditadura que mantenha a ordem, como a de Napoleão III. O mais importante é que esta ditadura não é um signo de potência, e sim de fraqueza. Ela é o retrato de um país fraco, “silencioso” e inerte. Uma França facilmente massacrada por uma Prússia organizada, disciplinada e eficiente (Taine, 1905).

Em carta à Madame Taine de 17 de março, comenta sua leitura de quatro textos políticos não publicados de Ernest Renan sobre a situação política francesa. Nestes,

parece que Renan defende o retorno à realeza e à aristocracia para “imitar a Prússia” {Taine, 1905, p. 59}. François Hartog aproxima Renan de Taine, como defensores do modelo prussiano, ao passo que de Coulanges seria refratário a este enaltecimento {Hartog, 2003, p. 63}. Todavia, a leitura desta correspondência e de algumas notas de Taine nos sugere uma leitura diferente. Há um conjunto de propostas republicanas que não passa pela adoção de antigos modelos monarquistas, como a que discute, critica e propõe o sufrágio universal em duas etapas⁸.

Em outra carta à esposa, Taine retrata uma diferença entre um conservadorismo de província em relação ao radicalismo de Paris, com a primeira sendo “mais reacionária” que a Câmara. Isto se deve a um certo número de cartas provenientes do interior reclamando dos excessos democráticos da Câmara. Nesta mesma época, os radicais acusam a Câmara de conservadora {Taine, 1905, p. 97}.

Nesta mesma carta, Taine comenta uma possível candidatura orleanista que prometia reunir os diferentes grupos. Ele se mostra receoso em relação a esta devido à possibilidade de que represente a vitória do saber (e ensino) religioso. Apesar disto, a promessa de um “partido” que evitasse a demagogia e os Bonapartes o seduz {Idem, ibidem, pp. 97-98}.

Que tal um rápido exercício de comparação? Em carta à M. Émile Boutmy, de 31 de julho de 1874, Taine comenta seus estudos sobre a Revolução Francesa. Nesta, surge uma tese histórica interessante que faz alusão a um vício de “nossa” revolução em que uma Câmara com tendências “de esquerda” joga o país na ditadura (Taine, 1905, p. 268).

Esta poderia ser apenas uma descrição de certas fontes lidas pelo historiador, mas também pode representar um diagnóstico da política contemporânea transferido para o passado. Seria o casual a escolha de um título com a palavra “origens”? Não estaria Taine realizando o que dizia à esposa em carta por nós citada: julgando em história (e política) a partir de suas paixões e interesses?

O tema das divisões é o mesmo que Hartog tratou como o “mal francês”, a questão de uma época (Hartog, 2003). Este nos leva à segunda tese de Taine, a que se refere à distinção entre república e socialismo.

⁸ Hartog cita um texto em que Fustel também trata do sufrágio em duas etapas. Taine teria se resignado a este, depois de ter sido contra (como um monarquista). Não tivemos acesso às fontes que permitiram a Hartog descrever esta passagem {Hartog, 2003, p. 65}.

b) República e socialismo.

Este é um tema que necessita de um esclarecimento prévio. Em nossas leituras de vários autores da segunda metade do século XIX, especialmente a partir de 1840, aparece uma confusão entre jacobinismo, republicanismo e socialismo. Em autores de simpatias monarquistas como Tocqueville, ou, quem sabe, Taine, é possível que isto se deva à associação dos três grupos à ideia de radicalismo. Todavia, Victor Hugo – republicano convicto – distingue uma república livre e um “socialismo mal compreendido” {Hugo, 1963, p. 157}⁹.

Tornemos mais claro: a república como forma de governo, estabelecida pela representação política, distancia o conjunto dos cidadãos do trato da coisa pública, podendo favorecer a ascensão de homens que dizem falar e agir em nome do bem do povo. A grande centralização política e administrativa dos Estados modernos facilita este processo. A república, ou *tradição res publicana*, do pensamento ocidental teria realizado uma conciliação entre os valores da *pólis* e da *urbs* da Antiguidade com a educação senhorial aristocrática da Europa medieval, através dos humanismos. Nesta conciliação, os valores neoromanos (com um verniz de honra senhorial) deveriam colorir a nova democracia, responsabilizando os novos atores da cena pública, inculcando-lhes ideias de grandeza nacional e deveres para com a pátria (ou cidade). Não se ensina aos pobres os valores neoromanos por gosto, mas por resignação. Ou eles aprendem os verdadeiros valores republicanos, ou se tornarão vassallos da demagogia ou da ditadura (Oliveira Jr., 2003).

A chave da distinção é que a ideia de república presente nestes autores é calcada em uma série de valores do humanismo neoromano, ou de um liberalismo de viés aristocrático que apostam em honra, grandeza e cuidado com a coisa pública. Estes valores – ou preconceitos – esbarram em teses de que o Estado deveria sustentar os pobres e os radicais (e demagogos). Esta visão política pensa ser demonstrada pelos constantes períodos ditatoriais (os Bonapartes) ou pela fraqueza militar surgida diante da Prússia.

⁹ A distinção de Victor Hugo, presente em *Mémoires d'un crime*, sobre o golpe de Luis Napoleão, remete ao tema de uma república preocupada unicamente com satisfações pessoais, ambições, cargos e salários. Um tema que reencontraremos com Taine mais adiante.

“Le grand mal du socialisme actuel, c’est qu’il n’a pas pour fond, comme le puritanisme, ou même le catholicisme de la Ligue, un principe moral, l’idée d’une réforme intérieure et personnelle de la volonté et du cœur. Il n’est qu’un système et une ligue à l’usage des appétits, de l’envie et de toutes les passions destructives” {Taine, 1905, pp. 138-9}.

A tese reaparece em uma nota de redação do livro das “Origens” e, mais uma vez, vemos a grande proximidade entre suas visões sobre a França de 1871 e suas teses sobre o passado revolucionário.

“Il [o Estado] doit pourvoir au bonheur, ou bien-être de tous, être soeur de charité pour les pauvres, mécène pour les artistes. Tort énorme de ceux qui lui imposent ces sortes d’emplois, juin 1848, mai 1871” {Taine, 1905, p. 334}.

O trecho traz uma hipótese para que se possa explicar esta confusão entre as três correntes acima referidas: a tese, que seria comum a elas, de que cabe ao Estado resolver os problemas da desigualdade, pôr fim à luta de classes¹⁰.

O republicanismo de Taine, e talvez o dos neoromanos, aposta no cidadão, na ação da sociedade sobre ela mesma, ou no conflito (como em Maquiavel historiador de Florença) entre os cidadãos que parece provocar instabilidade, mas é signo de força. Este é um republicanismo que, tal como na origem do pensamento liberal, identifica a força do Estado com a fraqueza social, com a perda da liberdade.

E, por outro lado, a pretensa vantagem do Império Napoleônico – a garantia da ordem que traria a força – mostrou-se uma quimera diante dos alemães. O curioso é que Napoleão III, apesar de odiado, não é visto como o grande culpado pela fraqueza. Ela é resultante das divisões políticas, e da tese de que o Estado deve perseguir vários fins ao mesmo tempo¹¹.

A ideia do Estado garantidor da felicidade, da proteção e da igualdade nos remete a outra tese de Taine, a que se refere às ideias abstratas.

¹⁰ Benjamin Constant dizia durante o Diretório que a Assembleia Nacional francesa criou constituições que tratam dos direitos dos franceses e não de seus deveres, enfraquecendo a nação. Ver: *Fragments d’un ouvrage abandonné sur la possibilité d’une constitution républicaine dans un grand pays*. Paris, Aubier, 1991.

¹¹ Vide as notas sobre as vantagens de um Estado limitado de Taine em: *“Extraits des notes préparatoires pour les Origines de la France Contemporaine”* {Taine, 1905, p. 354}.

c) Ideias Abstratas e apatia política.

“De tous ces échecs de mes plans, il reste pourtant quelque chose pour moi, la conviction que la Révolution et l’Empire n’ont été en somme qu’un moyen de donner carrière au besoin de parvenir et d’acquérir, de tout au nom d’une politique abstraite”
Carta à Madame Taine de 22 de maio de 1875 {Taine, 1905, p. 223}.

Nas notas preparatórias para a redação das “Origens”, Taine estabelece uma relação entre ideias abstratas de direitos do Homem (que deveriam ser garantidos pelo Estado), a paixão pelo bem estar e o silêncio (ou vazio) político em torno do poder. Já mostramos que durante a Comuna – vista pelo autor como uma guerra civil – Taine assume a posição de realizar uma boa ciência com a intenção de criar uma boa política. A boa ciência é a história. Chega a falar em um aperfeiçoamento dos “dias de hoje”, em que a história conduz a política e não as ideias vagas da filosofia, da matemática e da economia política {Taine, 1905, p. 316}.

A história, pensada como a descrição daquilo que realmente existe, informa a ação política, mesmo que seja pela negação dos erros do passado¹². Um possível retorno da História *Magistra Vitae* dos romanos. Sendo que a dimensão retórica presente no modelo de Cícero deve ser contornada em nome de uma descrição mais científica. Taine chega a distinguir uma “boa ciência” – a dos alemães “de hoje” – de uma má, a do “socialismo” {Idem, ibidem, p. 306}.

Afinal cumpre dizer o que é uma ideia abstrata para Taine. Trata-se de uma ideia descolada da experiência real, oriunda de uma filosofia erigida em nome dos direitos fundamentais do Homem. Taine, aqui, retoma parte do argumento de Edmund Burke e do pensamento conservador francês a partir de 1795. Acusa de abstracionismo aqueles que acreditam na possibilidade de moldar a sociedade a partir de leis escritas a partir do Direito Natural¹³ {Idem, ibidem, p. 319}.

Em sua história da Revolução, vê essa ideologia abstrata informando a ação da Assembleia Nacional ao destruir as instituições preexistentes, os corpos intermediários, e os grupos “naturais” de vontades (interesses).

A tese afirma que ao proceder pela destruição da sociedade anterior, por intermédio de um abstracionismo filosófico, a Revolução “matou” a ação de uma série

¹² Hartog fala em uma mobilização de Taine e Renan em 1871: a França precisa da verdade {Hartog, 2003, p. 56}.

¹³ Argumento semelhante pode ser encontrado em *Considérations sur la France* de Joseph de Maistre.

de grupos políticos, radicalizou inimizades históricas e construiu um ideia de Estado que nunca poderá atender às expectativas criadas.

O curioso é que ao contrário dos tradicionais argumentos conservadores, favoráveis a um retorno do Antigo Regime, Taine insiste em responsabilizar o indivíduo e diminuir a ação do Estado. Busca consertar os “erros” do abstracionismo com a educação política do povo e não com a sua exclusão.

Neste ponto, Taine se aproxima de Alexis de Tocqueville e de sua estratégia de usar a democracia americana para melhorar as visões democráticas da Monarquia de Julho, e por que não, da demagogia das Revoluções de 1848. A educação política do povo acaba com o privatismo e com o vazio em torno do poder que alimenta a demagogia daqueles “que falam em nome do povo”¹⁴.

O ponto é que na *Démocratie en Amérique*, Tocqueville elogiava a vida municipal dos americanos como remédio para a indiferença e para a apatia da Monarquia de Julho. Nesta, o sistema representativo defendido pelos liberais doutrinários (liderados pelo ministro Guizot), pensava em captar as “superioridades naturais” do povo, uma espécie de nova elite que substituindo a aristocracia, mantivesse as vantagens desta antiga classe, através de ideais de grandeza, trato com a coisa pública, experiência política, etc. Apesar de Tocqueville não ser adversário destas ideias, especialmente a ação dos *notables* (nome desta nova elite), pensava – tendo em vista os exemplos inglês e americano – que os séculos da igualdade não se resignariam a este “fim da história”, sugerido pelos doutrinários. A ação educadora dos notáveis deveria ser conciliada por algum projeto de educação política prática do povo, pois este não se sujeitaria por muito tempo ao modelo da Monarquia de Julho. As Revoluções de 1848 e o sufrágio universal comprovaram a intuição de Tocqueville.

Taine, referindo-se a Tocqueville em suas notas de leitura, afirma que o espírito francês é marcado pela indiferença pública e pelo isolamento {Idem, *ibidem*, p. 300}. Fustel de Coulanges fazia coro a esta visão, ao acusar que em Paris a ausência de vida municipal (participação nos negócios) levava à ação dos demagogos {Hartog, 2003, p. 73}.

Resta saber como é possível evitar este quadro de referência criado pela democracia à francesa. Passamos assim aos “projetos” de Taine, Chamamos de

¹⁴ Ver, especialmente, o segundo volume da *Démocratie en Amérique*, publicado em 1840.

“projeto” a construção de um modelo político e histórico que pretende fundar uma nova França, ou seja, uma potência respeitada pelo Concerto Europeu. Aqui Taine adere à Terceira República. Tem, no entanto, pequenos projetos de reforma, que evitem a continuação dos erros que verificou em sua “história da construção da democracia francesa”.

PROJETOS

a) A História

Vimos acima que a história deveria constar da educação política do povo, por intermédio da ação dos intelectuais desde que estes não caíssem em especulações metafísicas.

Ainda em 1866, Taine, refere-se a Jefferson, revolucionário e estadista dos Estados Unidos. Este dizia que os franceses “caíram pelo caminho” por não querer aprender a marchar. Aprende-se a marchar através das lições da história e pelo manejo dos negócios {Taine, 1966, p. 178}¹⁵. Chamamos a atenção para a ênfase neoromana na necessária aprendizagem da coisa pública, especialmente em sociedades democráticas.

O projeto histórico da geração de 1870 seria a defesa de uma escrita em nome do futuro, uma forma dominante que era a “história nacional” (Hartog, 2003). Os “novos” métodos da história deveriam ser mobilizados para a construção de um país que não se dividisse em monarquistas e republicanos, religiosos e filósofos (Idem, *ibidem*).

No caso de Taine, a proposta de sua história da Revolução Francesa é demonstrar as origens do desenraizamento, pelo abandono das tradições francesas. Cabe demonstrar como se deu a cisão entre o velho e o novo.

Assim como Fustel de Coulanges, apresentado por Hartog, o objetivo político é ensinar aos franceses que sua história é uma: nacional e não divisível em ideologias e grupos. A diferença reside que em Fustel, segundo Hartog, o elogio à aristocracia desde a redação de *A Cidade Antiga*, estava na sua capacidade de conservar o essencial da tradição, ainda que aparente ceder aos homens {Hartog, 2003, p. 43}. A opção por um ponto de vista aristocrático seria a explicação da história da França (Idem, *ibidem*, p. 68).

¹⁵ “Jefferson, *étude historique sur la Démocratie américaine, par Cornelis de Witt*”.

A nossa hipótese, no que se refere a Taine, é diferente. Já vimos que a opção monárquica e aristocrática – na França – tem uma aliança com o poder do clero católico que Taine rejeita. Por outro lado, não parece ser um retorno ao passado uma solução para o futuro. O século XVIII e a Revolução não criaram uma nova França a partir das cinzas da antiga, e sim reformaram a antiga. Logo não se abandona o novo em prol do antigo, reforma-se o novo a partir das lições da história. A correção dos defeitos da democracia à francesa a partir do fortalecimento da vida local – segundo o exemplo das comunas americanas da década de 1830 – pode ser um caminho.

b) A República

Há uma carta de Taine “au directeur du journal Le Temps” de fevereiro de 1872. Esta propõe a distribuição gratuita de exemplares do jornal nas províncias (mesmo que passados alguns dias da publicação). Isto permitiria equilibrar a força dos jornais “vermelhos”, criando um ambiente de discussão que possibilite uma melhor educação política do povo, livrando-o “dos irresponsáveis”. Uma discussão entre as várias profissões das cidades, entre as várias experiências, estimulando mesmo as associações voluntárias {Taine, 1905, pp. 180-185}.

Gostaríamos de lembrar que mesmo sendo um conservador, Taine não fala na proibição da circulação dos jornais socialistas (aqueles que propagam ideias abstratas). Quer, como bom liberal, que se estimule a discussão através da imprensa. Todavia, como um bom republicano, está atento à dificuldade de acessos dos pobres a um maior número de opiniões e pensa na distribuição gratuita. Não apela ao Estado benfeitor, mas ao diretor do jornal, lembrando-o, talvez, do interesse que este como um bom burguês tem de que o povo – em uma república livre – não se torne facilmente manipulável por determinadas correntes.

Resumindo, apela à sociedade para a solução de um problema que está presente em seus diagnósticos políticos e em suas visões de historiador. Quer consertar o “erro” descrito em suas “*Origines de la France Contemporaine*”.

Em seus comentários sobre o sufrágio universal, podemos ver que as suas críticas residem na ausência deste “clima” de discussão local, de vida municipal. Não se pode acabar com esta modalidade de eleição nas repúblicas democráticas, pois é um direito do povo. É preciso pensar em educá-la, responsabilizá-la, ensiná-la que os

direitos do povo serão pagos pelos impostos do povo, por intermédio do Estado. Na falta de uma “educação política” verdadeira, temos um quadro de “atualidade das Origens”, ou um erro que se repete:

“Le suffrage universel, dans un pays apathique, tend toujours à mettre le pouvoir aux mains de bavards déclassés. En 1851, ce qui a provoqué le coup d’État et l’assentiment de la France, c’est le progrès redoutable des opinions révolutionnaires et socialistes”
{Carta à Madame Taine de 7 de setembro de 1871 in: Taine, 1905, p. 172}.

A referência às várias profissões e experiências nas cidades é uma forma de estabelecer um diálogo de interesses, resolvendo os conflitos pela resolução dos negócios em comum. Assim agiria a educação política prática, distinguindo os interesses e conflitos reais das “abstrações” filosóficas.

CONCLUSÃO

Este artigo foi o resultado de um primeiro contato com Hippolyte Taine. Por coincidência, ou não, os trechos do autor que tivemos oportunidade de ler nos deixaram com dúvidas em relação às avaliações de Georges Lefebvre (de Taine como historiador da Revolução Francesa) e de Hartog (de Taine como membro da geração de 1870). Esta hesitação diz respeito à fácil identificação do autor com correntes burguesas contrarrevolucionárias e conservadoras. Alguns dos trechos por nós citados são indícios de que existe algo além da identificação de Taine com estas posturas. Chamamos, de forma provisória, este algo de um republicanismo diferente, próximo ao que acreditamos estar presente também em Tocqueville (Oliveira Jr., 2003). Nos trechos que tivemos acesso há uma grande simpatia teórica de Taine pelas formulações de Tocqueville, especialmente na segunda *Démocratie* (1840) e em *L’Ancien Régime* (1856).

Ainda que apenas esboçado, este pequeno projeto de educação política prática do povo, pode ser evocado como uma possibilidade de reformar a democracia e construir um país forte, com um povo que participa e discute, como na referência ao “modelo europeu” que Taine contrapõe ao asiático (passivo e obediente). Acreditamos que este ponto problematiza o conservadorismo burguês de Taine, ainda que não o elimine.

Antes de encerrar, gostaríamos de esclarecer que a presença de valores ligados à tradição *respublicana* ou *neoromana* não significa que o autor considerado seja republicano (como defensor de uma forma de governo). Tocqueville tinha simpatias

pela monarquia inglesa, ainda que tenha sido seduzido pelas comunas dos Estados Unidos. Taine defendeu a II (1848-49) e a III (a partir de 1871) repúblicas, sendo inimigo de seus “desvios” radicais e socialistas. Todavia, acreditamos que ambos viam em uma forma reformada de república a chave para uma potência francesa na era da igualdade.

BIBLIOGRAFIA

ANCEAU, Éric. *La France de 1848 à 1870: entre ordre et mouvement*. Paris, Livre de Poche, 2002.

CASSIRER, Ernst. “*El positivismo y su ideal de conocimiento histórico. Hipólito Taine*” in: *El Problema del Conocimiento – volume IV*. Mexico, Fondo de Cultura Económica, 1993.

GOOCH, George P. *História e Historiadores en el siglo XIX (1913)*. Mexico, Fondo de Cultura Económica, 1977.

HARTOG, François. *O Século XIX e a História: o caso Fustel de Coulanges (1998)*. Rio de Janeiro, UFRJ, 2003.

JASMIN, Marcelo. *Tocqueville e as consequências despóticas da Democracia*. Dissertação de mestrado defendida no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro em 1988.

OLIVEIRA JR., Carlos M. *Entre virtudes e interesses: liberdade, cidadania e sistema representativo em Benjamin Constant e Alexis de Tocqueville*. Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo em 2003.

ROSANVALLON, Pierre. *Le Moment Guizot*. Paris, Gallimard, 1985.

TAINÉ, Hippolyte. *Nouveaux Essais de Critique et d'Histoire*. Paris, Hachette, 1866. Versão eletrônica disponível no site da *Bibliothèque Nationale de la France: gallica.bnf.fr*

_____. *H. Taine, sa vie et sa correspondance. Tome III, L'Historien (1870-75)*. Paris, Hachette, 1905.

Versão eletrônica disponível no site da *Bibliothèque Nationale de la France: gallica.bnf.fr*

WEBER, Max. “A ‘objetividade’ do conhecimento nas Ciências Sociais” in: COHN, Gabriel (org.) *Weber*. São Paulo, Ática, 1997. Coleção Grandes Cientistas Sociais.